



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

**CONCEPÇÕES DOS GRADUANDOS EM PEDAGOGIA ACERCA DA
SEXUALIDADE**

MARIA ALZIRA PARNAÍBA

CAJAZEIRAS - PB
2016

MARIA ALZIRA PARNAÍBA

**CONCEPÇÕES DOS GRADUANDOS EM PEDAGOGIA ACERCA DA
SEXUALIDADE**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras/PB, como requisito para obtenção do título de Graduada em Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Ms. Ane Cristine Hermínio Cunha.

CAJAZEIRAS - PB
2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

P256c Parnaíba, Maria Alzira.
Concepções dos graduandos em pedagogia acerca da sexualidade /
Maria Alzira Parnaíba. - Cajazeiras, 2016.
50f. : il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Me. Ane Cristine Hermínio Cunha.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2016.

1. Sexualidade. 2. Educação e sexualidade. 3. Sexualidade-concepção de graduandos. 4. Escola e sexualidade. 5. Formação de professores. 6. Graduandos em Pedagogia-UFCG-CFP. 7. Ensino. 8. Sexualidade-construção social. 9. Pedagogia. I. Cunha, Ane Cristine Hermínio. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 613.88

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

MARIA ALZIRA PARNAÍBA

**CONCEPÇÕES DOS GRADUANDOS EM PEDAGOGIA ACERCA DA
SEXUALIDADE**

Trabalho monográfico apresentado para o curso de pedagogia do CFP/UFCEG. Como requisito para obtenção do título de Graduada em Licenciatura em Pedagogia

CAJAZEIRAS – PB

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ane Cristine Herminio Cunha (Orientadora)

Prof.^a Maria Ioneida Ramalho Bueno

Prof.^a Stella Márcia de Moraes Santiago

Dedico,

A Deus, nosso pai, que está sempre do nosso lado nos dando força para realizarmos nossos sonhos. As minhas avós, Alzira Maria de Jesus e Terezinha Maria Martins (*in memoriam*). A meus pais, João Bernardo Parnaíba e Damiana Martins Parnaíba pelo apoio e dedicação. Aos meus filhos, Artur Parnaíba, Rafael Parnaíba e Maria Letícia. Ao meu marido, Jorge pelo apoio.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela minha vida e pela força que ele me deu nos momentos de aflição.

À professora Ane Cristine, minha orientadora, que com muito amor me acolheu durante suas orientações, meu muito obrigada por ser essa pessoa humana que se preocupa com os outros e que me ensinou por gestos simples como é bom amar o outro.

A minha família em especial aos meus pais, por terem ensinado a ser perseverante em busca de meus sonhos, a minha mãe, Damiana Martins Parnaíba, pela dedicação a mim e aos meus filhos. E ao meu pai João Bernardo Parnaíba, pelo o apoio e incentivo.

Ao apoio incondicional dos meus irmãos: Maria Auxiliadora, Maria Alberlânia, Maria do Socorro, Maria Aldineide, Aparecida, Jose Carlos, Aldanilo, Aldecy, Albino e Emanuel.

As minhas amigas, Anne Jakeline, Kênia Rodriguês, Suelânia Estrela, Aparecida Medeiros e em especial as minhas cunhadas, Edna Ferreira e Suene Moreira que, além de cunhadas são também minhas amigas, todas elas tiveram paciência comigo e me ajudaram a crescer não só dentro da universidade, como também na vida pessoal.

A Universidade Federal de Campina Grande, em especial ao Centro de Formação de Professores, Campus Cajazeiras-PB, o qual contribuiu á minha formação na Licenciatura e a minha pesquisa. Bem como agradeço a todos os graduandos que participaram desta pesquisa.

Aos professores que fizeram parte da minha formação. Especialmente, aos professores Prof.^a Dra. Elzanir dos Santos, Lourdes Campos, Gerlaine Bechior e Dorgival Fernandes.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”

(Paulo Freire)

RESUMO

A sexualidade é um tema que faz parte da construção do sujeito, porém ainda é considerado um assunto difícil e complexo para algumas pessoas. A pesquisa a seguir debate questões em torno do tema Educação e Sexualidade. Dessa forma, o trabalho tem como objetivo geral analisar as concepções dos graduandos que estão no final do curso de Pedagogia do CPF/UFCG, sobre sexualidade. Para tanto, foi realizado uma coleta de dados com treze sujeitos da Universidade Federal de Campina Grande. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que buscou interpretar concepções e explicar conceitos de alguns grupos sociais. Ademais, esta pesquisa pode ser classificada como uma pesquisa de campo. O instrumento utilizado foi um questionário contendo sete questões. Na construção do referencial teórico, procurou-se enfatizar a perspectiva de que a sexualidade embora seja inata é fortemente influenciada e influenciadora do meio social de cada sujeito. Nesta parte, foram debatidas as várias transformações e intensas mudanças que influenciam os pensamentos e concepções de toda a humanidade. Destacam-se os conceitos relativos à temática da sexualidade, enfatizando a sexualidade na visão do construtivismo social de Guacira Lopes Louro (2013), Maria Luiza Heilbonr (2002), León (2011), Loiola (2009) Figueiró (2006), Stearns (2010), Flores (2004), entre outros. Estes autores defendem que a sexualidade é construída socialmente pela cultura e contexto de cada sujeito. O último ponto do referencial é uma discussão sobre sexualidade e escola, neste ponto, reflete-se o espaço de discussão aberto para a sexualidade dentro das escolas, e o fato delas ainda enfatizarem pouco esse tema, talvez por falta de conhecimento. Os dados apresentados estão em forma de quadros e analisados de forma descritiva. Com base no referencial e a partir dos dados analisados, percebeu-se que há uma dificuldade por parte dos sujeitos, em falar sobre sexualidade, os seus conceitos não estão em uma perspectiva de construção social. Os mesmos relatam que sentem falta de uma discussão maior no curso sobre o tema em questão. Nas considerações finais, concluiu-se que existe um grande tabu por parte da maioria dos sujeitos entrevistados a respeito da temática e que os mesmos não se sentem preparados para abordar a sexualidade nas escolas.

Palavras-chave: Sexualidade, ensino e formação de professores.

ABSTRACT

Sexuality is a topic that is part of the construction of the subject, but is still considered a difficult and complex issue for some people. The research then debate issues surrounding the Education and Sexuality theme. Thus, the work has as main objective to analyze the conceptions of the students who are at the end of the Pedagogy course CPF / UFCG on sexuality. Therefore, we performed a pickup data subject thirteen of the Federal University of Campina Grande. This is a qualitative study that sought to interpret concepts and explain concepts of some social groups. Furthermore, this research can be classified as a field research. The instrument used was a questionnaire containing seven questions. In the construction of the theoretical framework, we tried to emphasize the perspective that sexuality is innate but is strongly influenced and influencer of the social environment of each subject. In this part, we discussed the various transformations and deep changes that influence the thoughts and ideas of all mankind. Continuing, we highlight the concepts related to the theme of sexuality, emphasizing sexuality in view of social constructivism Guacira Lopes Louro (2013), Maria Luiza Heilbonr (2002), León (2011), Loiola (2009) Figueiró (2006), Stearns (2010), Flores (2004), among others. These authors argue that sexuality is socially constructed by culture and context of each subject. The last point of reference is a discussion of sexuality and school at this point is reflected in the open discussion space for sexuality in schools, and the fact that they still emphasize just this subject, perhaps for lack of knowledge. The data presented are in the form of tables and analyzed descriptively. Based on the reference and from the data analyzed, it was noticed that there is a difficulty of the subjects, to talk about sexuality, their concepts are not in a perspective of social construction. They report that they feel a lack of further discussion on the theme of the course in question. Finally the conclusion, it was concluded that there is a big taboo by the majority of the subjects interviewed about the subject and that the subjects involved in the research do not feel prepared to address sexuality in schools.

Keywords: Sexuality, education and teacher training.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Concepção dos graduandos em relação à sexualidade	30
Quadro 02 - Importância de se trabalhar o tema sexualidade nas escolas	34
Quadro 03 - Como os discentes se sentem ao falar sobre o tema sexualidade.....	36
Quadro 04 - Palavras que surgem na mente dos sujeitos relacionada à sexualidade	38
Quadro 05 - Duas palavras mais importantes da questão anterior, conforme os sujeitos	39

LISTA DE SIGLAS

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

DST – Doença Sexualmente Transmissíveis

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

UAE – Unidade Acadêmica de Educação

CFP – Centro Formação de Professores

SUMARIO

INTRODUÇÃO	13
1. REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
1.1 Sexualidade em questão: análise de algumas perspectivas sócio-históricas.....	15
1.2 Conceitos acerca de sexualidade.....	18
1.3 Sexualidade e escola.....	21
2. CAMINHO METODOLÓGICO.....	28
3. ANALISE E DISCURSÃO DOS DADOS	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
5. REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE.....	

INTRODUÇÃO

A sexualidade é uma dimensão considerada por muitas pessoas um assunto complexo, principalmente nos dias atuais. Um turbilhão de informações nos chega a cada segundo através de várias fontes como a mídia, as redes, sociais, revistas e livros. Sendo assim, a escola tem um papel fundamental de mediar a elaboração destas informações, muitas vezes dispare, com vistas a colaboração na formação de seus alunos.

Dessa forma, o trabalho procurou responder algumas indagações como, por exemplo, será que os graduandos estão preparados para lidar com questões relacionadas à sexualidade dentro da sala de aula? Neste sentido, o presente estudo procurou responder a seguinte problemática: que concepções, os graduandos concluintes do curso de pedagogia têm sobre sexualidade?

Esta pesquisa tece reflexões e debates sobre o assunto em questão, visto que a sexualidade está presente em nossa vida desde que nascemos, e as informações sobre ela têm chegado mais cedo na vida das crianças e adolescentes por conta da facilidade de acesso aos meios de comunicações.

Embora o tema sexualidade seja considerado por muitos educadores de grande relevância na vida dos indivíduos, este assunto é pouco discutido, principalmente no que diz respeito às práticas educativas, pois inclusive no âmbito acadêmico, esta temática não recebe a devida importância, a exemplo, o próprio curso de Pedagogia do CFP/UFCEG excluiu da sua grade curricular a disciplina sobre sexualidade em 2014.

A sexualidade foi enfatizada nesta pesquisa na perspectiva do construtivismo social, de Louro (2013), Heilborn (2002), León (2011), Loiola (2009) Figueiró (2006), Stearns (2010), Flores (2004), entre outros, estes autores defendem que o conhecimento se constrói na relação do indivíduo e seu meio em um determinado contexto social e cultural.

O interesse pelo tema surgiu mediante as reflexões feitas em sala de aula na disciplina Psicologia da Educação III, cursada no 3º Período do Curso de Pedagogia, do Centro de Formação de Professores da Unidade Acadêmica de Educação-Campus de Cajazeiras – PB. Neste contexto, surgiu a curiosidade de saber quais são as concepções que os graduandos têm acerca da sexualidade. Assim, diante de debates sobre o tema na referida disciplina surgiram diversas dúvidas que

suscitaram grandes discussões, visto que os alunos não tinham muito conhecimento sobre o tema.

Outra motivação emergiu diante de situações vivenciadas na prática como professora do fundamental I. Uma das experiências vividas foi durante uma aula de artes, estávamos confeccionando bonecos quando um aluno perguntou se o seu boneco poderia ter lacinhas rosa, diante dessa situação, o restante da turma começou a fazer piadinhas. Ai surge à indagação: será que estamos preparados para lidar com o tema sexualidade?

Dessa forma, o presente estudo apresenta como objetivo geral analisar as concepções dos graduandos que estão no final do curso de Pedagogia do CPF/UFCG no ano 2016, sobre sexualidade. Tendo como objetivos específicos: identificar as concepções dos estudantes do curso de Pedagogia sobre sexualidade; averiguar a importância de trabalhar o tema sexualidade nas escolas e apontar as possíveis contribuições do curso de Pedagogia na preparação dos graduandos para lidar com a temática da sexualidade.

Neste sentido, o presente trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo consta a discussão sobre a temática, como a sexualidade era vista no passado e como é vista hoje na ótica dos autores já mencionados. Em seguida, enfatizamos conceitos construídos pelos autores. O último ponto é uma discussão acerca da sexualidade e escola. Abordamos questões que afetam diretamente as instituições de educação e suas influências na construção do conhecimento humano.

O segundo capítulo é o procedimento metodológico, ressaltando o passo a passo do trabalho, o lugar da pesquisa, os sujeitos que participaram deste trabalho e o instrumento de coleta de dados.

No terceiro e último capítulo, constam os resultados da pesquisa e as análises dos dados elaborados em forma de quadros. Com base nos resultados obtidos, chegamos à conclusão que a sexualidade é um tema considerado difícil pelos sujeitos que participaram da pesquisa, pois os mesmos relatam pouco conhecimento da temática.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 A SEXUALIDADE EM QUESTÃO: ANÁLISE DE ALGUMAS PERSPECTIVAS SÓCIO-HISTÓRICAS.

A sexualidade tem passado por várias transformações e intensas mudanças que influenciam pensamentos e concepções de toda a humanidade. Neste item, entram em questão diversos tópicos que mostram como atitudes e comportamentos se modificam no tempo, nos diferentes contextos sociais e nas experiências individuais. É importante enfatizar que cada grupo social tem uma visão acerca da sexualidade dependendo assim da época e da história de vida do ser humano. Neste sentido, segundo afirmação de Foucault:

O termo sexualidade surgiu no século XIX, marcando algo diferente do que apenas um remanejamento de vocabulário. O uso desta palavra é estabelecido em relação a outros fenômenos, como o desenvolvimento de campos de conhecimento diversos; a instauração de um conjunto de regras e de normas apoiadas em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas. Mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor a sua conduta, desejos, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos. (FOUCAULT, 1998, p. 9. apud RODRIGUES, 2010, p 5).

De acordo com a citação do autor, o termo sexualidade surge no século XIX marcada por regras e valores, ou seja, normas e condutas determinadas por instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas. Entretanto, a prática da sexualidade foi sendo construída ao longo da história do ser humano e está presente em nossas vidas desde o início da humanidade. O termo sexualidade é que passa a ser estudado e questionado a partir do século já mencionado.

“No período primitivo [...], a sexualidade, era envolvida de uma significação mítica, é concebida como sagrada e divina, com o predomínio da função da mulher como apanágio feminino” (NUNES, 1987 p.59). Naquela época, a sexualidade era marcada por um caráter mítico, as mulheres tinham um papel de liderança, o poder era exercido especialmente pelas mães de uma comunidade. Eram elas quem fazia as atividades que garantiam a sobrevivência.

Spitzner (2005) enfatiza que, neste período primitivo, o sexo era visto como algo natural. O ato sexual, nesta fase, é entendido, tanto pelo homem como pela mulher, como uma satisfação física sem estar relacionado às questões emocionais. Percebe-se, a partir de tal afirmação, que neste período não é dada muita

importância aos elementos emocionais e pessoais da relação sexual. Havia um claro reconhecimento do prazer sexual, sendo que a mulher tinha uma participação ativa na vida sexual. Nesta época, era como se somente as mulheres participassem da reprodução.

Segundo Spitzner (2005, p 21), na concepção dos hebreus, “[...] o sexo era destinado à procriação dos filhos, que era uma tarefa determinada por Deus. Feliz o homem cuja família era numerosa. Era sábio ter filhos, logo, a relação sexual tornava-se bem vista”. De acordo com os autores abordados, o sexo tornava-se pecado se fosse só pelo prazer e só era bem visto para fins reprodutivos isso apenas em alguns povos. Os hebreus possuíam uma visão diferente da época primitiva, enquanto os primitivos viam o sexo como algo natural, os hebreus associavam o sexo ao pecado.

Na compreensão dos gregos, a mulher era submissa ao marido sendo considerada propriedade do esposo. A sexualidade estava integrada a sua cultura e com seus deuses. Assim, entende-se que as concepções sobre sexualidade mudam conforme sua natureza social, histórica e política. Como podemos constatar na citação de Flores:

Para os gregos, a sexualidade estava em sua cultura misturada com seus deuses, sua religião e seus conhecimentos. O casamento era à semelhança dos hebreus, as relações sexuais eram deveres sociais, com fins econômicos e legitimação dos herdeiros. A mulher pertencia ao marido e era proibida de manter outras relações sexuais sob a pena de ser punida. O marido grego tinha outras características, nada lhe era proibido: podia ter mais de uma ligação, frequentar prostitutas, ser amante de um rapaz, sem contar os escravos homens ou mulheres que tinha a sua disposição em sua casa. Uma representação das mulheres gregas está contida na composição da música de Chico Buarque de Holanda, as “Mulheres de Atenas”. (FLORES, 2004 p. 20).

Vale repetir que conceitos são construídos e modificados com o decorrer do tempo sendo que cada grupo social tem seu modo de pensar a respeito de cada assunto tendo seus impasses e retrocessos. Percebe-se que, desde o período colonial brasileiro, a concepção sobre sexualidade não mudou muita coisa com o passar do tempo. Na época colonial no Brasil, a mulher passa a ser submissa ao homem sendo considerada propriedade dele, o sexo começa a ter somente fins procriativos, sofrendo grande influência da religião. O que podemos constatar nas palavras de Costa:

As mulheres eram incentivadas a obediência e servidão aos homens, incluindo a procriação de tantos filhos quanto Deus ou a natureza determinassem. Para a igreja, a sexualidade somente deveria servir a procriação. Todas as marcas do desejo carnal e de animalidade do ato sexual deveriam ser “apagadas” pela concepção. (COSTA, 1996, p.34 apud MACHADO, 2011, p.80)

Nesta perspectiva, a mulher passa a ser considerada propriedade dos homens e o ato sexual, no discurso da igreja, está ligado ao pecado, com uma única finalidade: a reprodução. Porém, a sexualidade sempre gerou disputas e debates acerca do rigor dos padrões determinados pela sociedade e a religião.

Observa-se que na era da globalização, a sexualidade, na visão de parte da sociedade, é de puro prazer (STEARNS, 2010). Na contemporaneidade, a concepção de uma parte da sociedade, é de que o sexo é recreação e fonte de prazer. Embora, nem de longe tenha desaparecido, o sexo com fins procriativos. A ideia da reprodução fica em segundo plano por boa parte do mundo, cresce o empenho do sexo como fonte de prazer e essa foi a maior mudança com relação aos padrões de comportamento.

Dessa forma, o surgimento da pílula e o controle de natalidade na década de 1960 desencadeia uma nova definição da sexualidade na era pós-industrial, sendo uma característica central da globalização. O HIV/AIDS também é um marco na história da sexualidade, uma vez que:

A desvinculação de sexualidade e reprodução biológica da espécie, a partir do desenvolvimento dos métodos contraceptivos hormonais, nos anos 60, e o advento da epidemia de HIV/AIDS, na década de 80, deram novo impulso às investigações sobre os sistemas de práticas e representações sociais ligados à sexualidade, constituindo-a como um campo de investigação em si, dotado de certa legitimidade. (HEILBORN E BRANDÃO, 1999 p.01)

A epidemia de HIV/AIDS e o aparecimento da pílula são um marco na história da sexualidade, pois, a partir desses acontecimentos, surgiram novas investigações a respeito dessa temática. A ideia de desvinculação de sexualidade e reprodução não é uma realidade para alguns grupos sociais, existem pessoas que ainda associam a sexualidade à reprodução, outras relacionam o sexo ao amor e outras associam o sexo ao erotismo. Porém, com o surgimento da pílula e a epidemia de HIV/AIDS, as pessoas começaram a ter novas percepções sobre sexualidade, passaram a ver o sexo como perigoso e que precisava de certo controle.

A história da sexualidade foi permeada por transformações dependendo do contexto histórico em que estava inserido cada indivíduo, ou seja, sua construção sofre influência da religião, da cultura e da economia de uma dada realidade. A construção acerca da sexualidade é formada de acordo com as concepções de um determinado povo, de cada época.

Já houve um tempo que a mulher não deveria sentir prazer na atividade sexual, atualmente, “o sexo, nos dias atuais, passa a ser visto por boa parte dos indivíduos, como fonte de prazer”. (STEARNS 2010 p. 232). O autor ressalta também que é tentador afirmar que no futuro os padrões irão evoluir ainda mais no sentido do sexo para o prazer e não só para fins reprodutivos.

1.2 CONCEITOS ACERCA DE SEXUALIDADE

A sexualidade é um assunto muito discutido atualmente, com várias correntes de pensamento, muitas vezes antagônicas. De um lado os que acreditam que a sexualidade é inata. De outro os que acreditam que a sexualidade se inscreve na interação entre o biológico e as influências sociais. Neste trabalho optamos pelos autores que defendem que a sexualidade é socialmente construída e fortemente marcada por questões históricas e culturais.

A sexualidade, como afirma Foucault (1988), é um dispositivo histórico. Em outras palavras, é uma criação, uma vez que é formada, historicamente, a parte de vários discursos a respeito do sexo: discursos que padronizam e o uniformizam saberes, que geram verdades. Os discursos acerca da sexualidade, evidentemente, continuam se modificando e se multiplicando.

Segundo Louro (2013), a sexualidade é uma construção social, ou seja, o que se entende por gênero masculino e feminino depende da cultura e do contexto em que está inserido cada indivíduo. Nesta perspectiva, somos moldados por vestígios culturalmente determinados de uma sociedade dominante que determina comportamentos masculinos e femininos. “A sexualidade e seu desenvolvimento são fortemente marcados pela cultura e pela história de cada sociedade, que impõe regras de relevada influência no comportamento dos indivíduos”. (SCHINDHELM, 2011, p.10). Nesta mesma linha de pensamento, Louro (2013, p.16), ressalta que: “ao classificar os sujeitos, toda sociedade estabelece divisões e atribuem rótulos que pretendem fixar as identidades. Ela define, separa e, de formas sutis ou violentas,

também distingue e discrimina”. Segundo Louro (2013), os grupos sociais que ocupam posições centrais, definem as formas de expressar os desejos, normas de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião, etc. São, portanto, compostas e definidas pelas redes de poderes de uma sociedade. Assim, apresentam como padrões sua própria estética, ética ou ciência como se tivessem o direito de representar pela negação e subordinação os demais grupos.

O conceito de gênero surge na década de 70, mas a sua história está ligada à crítica feminina, a lutas e conquistas das mulheres ao longo da história. Nesse sentido, Heilborn (2002, P.4) ressalta [...] “O conceito de gênero refere-se à construção social do sexo e foi produzido com a ideia de discriminar o nível anátomo-fisiológico da esfera social/ cultural”.

Para Heilborn (2002), o sexo masculino é associado, por nossa sociedade, aos papéis de âmbito público, às atitudes e à força física, ao contrário da mulher que é associada à fragilidade. De acordo com a autora citada, tanto o homem como a mulher são produtos do meio, ou seja, seus comportamentos, atitudes e seus pensamentos não são de uma natureza biológica, mas de uma construção da sociedade em que está inserido o indivíduo.

Na concepção apresentada por Louro (2013), o conceito de gênero e sexualidade enfatiza a forma como são compostas e formadas as identidades sexuais de gênero a partir de uma visão preconceituosa da sociedade. Identidades essas que, se estiverem fora do padrão estabelecido por elas mesmas, são marginalizadas. Dessa forma, nossa sociedade desconhece outros comportamentos, como se tivesse o direito de falar o que é certo ou errado, de definir a ordem do normal, do belo, do bom e do correto, enfim, de dizer o que ser masculino ou feminino. “É no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais, dentre elas, as sexuais” (SCHINDHELM, 2011, p, 12). Muitas vezes, na visão de parte da nossa sociedade, a sexualidade é algo vergonhoso, impuro e feio.

Portanto, a sexualidade tem características instáveis, não apenas pela subjetividade de cada cultura, mas também pela maneira singular com que cada indivíduo compreende os costumes sociais por meio dos seus rituais, suas linguagens, suas fantasias, suas representações, seus símbolos e suas convenções (LOURO, 2013). “A sexualidade é uma dimensão humana que acompanha as pessoas ao longo de toda a vida, num conjunto de tudo que ouvimos, vemos,

sentimos e recebemos da família, escola, comunidade e cultura onde estamos inseridos.” (SCHINDHELM, 2011, p, 15).

O construtivismo social defende a ideia que existem vários conceitos e significados sobre sexualidade, dependendo assim, das singularidades de cada grupo social, que pode ter definições diferentes entre as culturas, nesse sentido, o que venha a ser sexualidade para certo grupo social, não irá ser para outro grupo. Então, não podemos generalizar um instinto sexual, tendo em vista que:

O construtivismo social reúne abordagens que buscam problematizar a universalidade desse instinto sexual. O foco da argumentação é o de que existem formas culturalmente específicas, que o olhar ocidental chamaria de sexualidade, que envolvem contatos corporais entre pessoas do mesmo sexo ou de sexos diferentes, ligados ou não à atividade reprodutiva, que podem ter significados radicalmente distintos entre as culturas, ou mesmo entre grupos populacionais de uma determinada cultura. (HEILBORN 2002, p.3).

Dessa forma, o construtivismo social aborda dois modelos para categorizar a sexualidade. O primeiro ressalta que há uma interação importante entre corpo e razão, chamado de modelo de influência social. Já o segundo modelo enfatiza que o domínio do sexual, do erótico ou dos estímulos do corpo é consequência de construções sociais. Segundo Heilborn (2002), é necessário identificar as mediações, os vínculos que, em cada momento histórico, definem o que seja sexual e, de que modo tal significado se articula com as classificações de gênero, com a reprodução e com o sistema de parentesco.

Entretanto, a sexualidade como uma construção social ainda está no campo das teorias, na realidade, outras identidades sexuais são fortemente controladas. “As codificações sociais nas formas de expressar os desejos são parte de uma linguagem que marca e demarca aquilo que seria próprio do ser macho” (LEÓN, 2011, p.53). Para León (2011), no Brasil, a construção do masculino está associada aos jogos de futebol. Assuntos, como futebol, são coisa de macho. Portanto, um cara que não sabe jogar futebol deixa evidente sua sexualidade. A sociedade cobra cegamente uma lealdade ao molde sexual no qual o indivíduo supostamente deveria se enquadrar. De acordo com esta reflexão, há um grupo de pessoas que determinam os valores e comportamentos. Supõe-se um conjunto de regras que atendem a uma particularidade padrão e dela minimamente não se pode desviar.

Geralmente, a sexualidade está ligada a reprodução da espécie humana, sendo que essa ideia é uma compreensão que se perpetua por muitos anos. Dessa maneira, na perspectiva da procriação, a sexualidade se torna um enquadramento biológico, nesse ponto de vista, não se levam em consideração os requisitos essenciais da vida humana como, por exemplo, a história de vida das pessoas, a cultura em que estão inseridos os sujeitos, a interação social, o meio político e religioso a que pertencem. Os enquadramentos biológicos não dão conta de toda a vida humana, nestes termos a sexualidade é algo construído nas interações humanas em seus vários contextos. Conforme indica Bozon (2014 apud LOIOLA, 2009, p. 37), “de maneira inevitável, a coordenação de uma atividade mental com uma atividade corporal, aprendidas ambas através da cultura”.

Assim, a sexualidade humana não é um dado da natureza, perpassa as construções sociais.

[...] a sexualidade perpassa a dimensão biológica. Desta forma, as questões trabalhadas na escola precisam envolver reflexão, de modo individual e coletivo. Este exercício permitirá ao aluno o reconhecimento enquanto sujeito de sua própria sexualidade, construindo práticas positivas e saudáveis para o desenvolvimento de sua vida. (FIGUERÓ, 2006, apud SILVA, p. 239):

Corroborando com a ideia dos autores, a sexualidade é uma construção dos sujeitos, homens e mulheres, e precisamos levar em conta as variedades de elementos constitutivos no dia a dia de cada um. Sendo assim, a sexualidade é uma percepção social, cultural e histórica.

1.3 SEXUALIDADE E ESCOLA

Pesquisando nos cursos do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, foi possível perceber que nenhum dos cursos da referida instituição apresenta uma disciplina específica que trate acerca de sexualidade e gênero, apesar de existir, na ementa de alguns cursos, a discussão prevista. Vale ressaltar que no curso de pedagogia do CFP não existe uma disciplina específica que aborde a temática em questão. Em 2004, tinha a disciplina Educação e Sexualidade, que foi retirada do currículo.

A partir dessa realidade, chega-se ao universo escolar de crianças e adolescentes, no qual, apesar de a sexualidade já ser alvo de muitas discussões sociais hoje em dia, as escolas ainda enfatizam pouco esse tema, talvez por não conhecerem muito a respeito do assunto. Com o advento da internet, o acesso às informações torna mais fácil o conhecimento de certos assuntos, no entanto, por si só, elas não dão conta dos interesses e necessidades que o ser humano sente em compreender suas curiosidades. Os alunos necessitam de ajuda para aprender a absorver esses novos conhecimentos de várias fontes de informação que lhes são enviados diariamente. A sexualidade é uma das mais importantes e complexas dimensões da condição humana. “No mundo atual, vivemos em um ambiente sexual que se manifesta nos mecanismos de sustentação da sociedade capitalista ocidental” (NUNES, 1987, p. 27). Nessa nova perspectiva, a sexualidade humana depende não só de campos biológicos como também, dos campos sociais, psicológicos, econômicos e culturais.

A discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade no currículo das escolas de ensino fundamental e médio primeiro intensificou-se a partir da década de 70, por ser considerada importante na formação global do indivíduo. (BRASIL, 1997). De acordo com os PCNs (1997), Parâmetros Curriculares Nacionais elaborados pelo Ministério da Educação, tendo em vista orientar as escolas sobre os conteúdos a serem ensinados, a sexualidade é considerada de grande relevância na formação do educando. O fato é que os educadores precisam ser capacitados para atender as curiosidades dos alunos, Visto que muitos não se sentem preparados para abordar o assunto preferindo muitas vezes ficar em silêncio. Neste sentido, para Melo (2004), a sexualidade passa a ser encarada como um conteúdo problemático pelos professores, uma vez que, de um lado, os alunos apresentam o desejo de saber mais sobre sexualidade , por outro, o docente não tem conseguido ensinar por não saber sobre a mesma.

Dando continuidade ao raciocínio, muitas escolas acabam reproduzindo padrões impostos por nossa sociedade. Segundo Schindhelm, na Revista Aleph infâncias (2011), a escola, em geral, estabelece e reafirma apenas as formas de masculinidade e feminilidade já conceituadas que correspondem as mais adequadas para menino e meninas. “A sexualidade, quando relacionada à infância, ainda hoje, é pouco falada e explicada e, por isso, permanece como uma terra incógnita.” Constantine, Martinson (1984, Apud Schindhelm, 2011, p. 4).

Nesta linha de pensamento, muitas pessoas acham que falar de sexualidade é um assunto proibido para as crianças, e as escolas muitas vezes se calam. Pais e professores acham uma temática assustadora. Por esse ângulo, afirma Foucault (1977, apud SCHINDHELM, 2011, p.05) que atos e palavras sobre o sexo passaram a ser regulados, expulsos, negados e reduzidos ao silêncio por gerações, que justificam essa interdição pela crença de que [...] “as crianças não têm sexo”.

Entretanto, as crianças têm curiosidade de saber mais sobre seu corpo, porém isso não quer dizer que elas tenham desejo sexual. Os adultos muitas vezes enxergam, sem fundamento, traços de sexualidade em ações infantis, sendo que não se pode exigir de uma criança uma consciência que ela mesma ainda não possui. “A sexualidade infantil apresenta-se na escola como um grande desafio pela transformação que promove na prática educativa, ao desvelar os ocultamentos e silenciamentos acerca da temática.” (SCHINDHELM, 2011, p. 5). As crianças trazem para a escola situações das mais diversas áreas de conhecimento, incluindo aquelas relacionadas à sexualidade, suscitando nos educadores, sentimentos de desconhecimento e fraqueza nos questionamento sobre essas vivências.

É de fundamental importância que professores tenham conhecimentos sobre os temas transversais, visto que a transversalidade se baseia na busca da aproximação entre a vida cotidiana e a ciência. Desta forma, o professor tem que fazer uma relação com o cotidiano do educando e os conteúdos a serem abordados, pois quem lida com as práticas educativas tem visto que ensinar a cada dia que passa torna-se algo desafiador. Portanto, o profissional tem que estar preparado para não se sentir ineficaz e esta preparação deve começar na formação inicial do docente. Por se tratar de questões sociais que estão presentes na vida dos alunos como algo inseparável, estas devem ser dialogadas e ensinadas no espaço escolar, ressignificando o processo de conhecimento.

[...] diferente das áreas convencionais. Tratam de processos que estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano. São debatidos em diferentes espaços sociais, em busca de soluções e de alternativas, confrontando posicionamentos diversos tanto em relação à intervenção no âmbito social mais amplo quanto à atuação pessoal. São questões urgentes que interrogam sobre a vida humana, sobre a realidade que está sendo construída e que demandam transformações micros social e também de atitudes pessoais, exigindo, portanto, ensino e aprendizagem de conteúdos relativos a essas duas dimensões. (BRASIL, 1998a, p. 26).

Os temas transversais são situações vivenciadas no dia a dia de todos nós, cada um com as marcas da sua cultura, cada um com suas histórias, que sofrem influência do meio em que vivem. Conteúdos envolvendo sexualidades mesmo quando não são debatidos na escola, são discutidos em outros espaços não escolares. Porém, as respostas em outros espaços não satisfazem totalmente a curiosidades dos discentes e os mesmos sentem a necessidade de estudar e conversar com seus professores.

De acordo com os PCNs (BRASIL, 1997), os temas transversais são questões sociais que enfatizam situações do cotidiano de famílias, alunos e educadores e que são dialogadas em diferentes espaços, em busca da compreensão de questões que envolvem gênero e sexualidade. Portanto, essas questões exigem do profissional da educação uma postura crítica e reflexiva, promovendo o ensino-aprendizagem através do diálogo. Dessa forma, se torna necessária uma reflexão sobre sexualidade humana, dado que a sexualidade faz parte da nossa vida, e cada nova descoberta influencia nas concepções e na vida dos seres humanos, refletindo nos valores, comportamentos, nas músicas e nos relacionamentos.

Neste sentido, a sexualidade é parte indissociável de uma pessoa. Então, se é parte integrante dos indivíduos, por que a escola acaba por excluir essa temática? A escola, como espaço de ensino e aprendizagem, não pode produzir ocultamento sobre sexualidade, uma vez que essas discussões são imprescindíveis na formação dos sujeitos. Logo, a escola não é neutra, ela participa ativamente na construção social da identidade dos alunos. Além disso, a temática é relevante na formação de sujeitos com capacidade autônoma crítica e reflexiva. Para confirmar o que está sendo enfatizado, Louro (1997, p.81) ressalta: “A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se despir”.

Ainda assim, em muitos espaços escolares esses temas ainda não são trabalhados. Professores não aceitam o diferente e só conseguem enxergar em uma única perspectiva sem perceber a diversidade sexual que há na sala de aula. Muitas pessoas acham que falar sobre sexualidade incentivar os educandos a pensar em algo que para muitos é proibido. Balestrin e Soares são contrários a este pensamento e afirmam que:

Algumas instituições e profissionais da educação manifestam uma posição contrária, preferindo não dar vazão ao assunto para não incitar o que consideram indesejável, como se fosse possível “abafar”, “desviar”, “adiar” aquilo que já está, há muito, pulsando com força e intensidade tanto dentro como fora da escola. (BALESTRIN e SOARES, 2015, p.48).

Mediante a citação exposta, não é possível suprimir aquilo que faz parte integrante do sujeito. A escola, como lugar de conhecimento, não deve silenciar e “ocultar” assuntos relacionados à sexualidade.

A escola não costuma se preparar para enfrentar a diversidade de alunos com suas singularidades, a sensibilidade aguçada em um menino não implica obrigatoriamente sinal de homossexualidade e as instituições têm dificuldades de lidar com o diferente e, essa diferença acaba gerando preconceito. Portanto, enquanto futuros educadores, temos que ter em mente conceitos da sexualidade para trabalhar a temática adequada de forma correta, sem reproduzir padrões dominantes e deixando as crianças naturalmente livres. Como formadores, precisamos fazer com que nossos alunos compreendam que não existe uma única maneira ou padrão de enxergar as coisas. De acordo com os PCNs:

A discussão sobre gênero propicia aos estudantes o questionamento de papéis rigidamente estabelecidos a homens e mulheres na sociedade. Os temas propostos como transversais podem atravessar os diferentes campos de conhecimento. A sua metodologia estabelece que essa discussão possa ser feita a qualquer momento da aula, caso se perceba a oportunidade e necessidade de trabalhar essas questões. Mas também é possível planejar uma aula específica para os temas. Sendo assim, a escolha de como se dará a metodologia da abordagem fica a escolha do professor. (BRASIL, 1997. P. 31).

Cogita-se que a escola propõe a constituição de sujeitos masculinos, femininos e heterossexuais nos modelos da sociedade. Não há dúvidas de que a escola, ainda hoje, é um ambiente transmissor de padrões, regras de comportamento, valores, critérios morais e éticos. É importante que o docente esteja atento às discussões que poderão surgir na sua aula e, a partir dessas questões sociais, planejar suas aulas de forma que consiga satisfazer a curiosidade de seus educandos sem reforçar padrões determinados por nossa sociedade. Neste processo de socialização, as crianças são influenciadas por todos que compõem a escola. (LOURO, 2013).

Dessa forma, o educador tem que promover situações reflexivas e interativas, facilitando assim a construção e apropriação de conhecimentos mais significativos. “Há muitas pessoas e organizações envolvidas na produção de conhecimento, de intervenções e de políticas públicas que incluem essas temáticas como centrais na constituição de uma sociedade mais justa e igualitária”. (BALESTRIN e SOARES, 2015, p, 48).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais enfatizam que os pontos relacionados à sexualidade exigem do docente uma presença que questione o educando satisfazendo suas curiosidades com um posicionamento crítico e reflexivo que instigue aos alunos a pensar nas diversas situações presentes em nossa vida. No entanto, é na formação inicial que futuros educadores precisam se preparar para lidar com todas estas questões sociais.

Vale salientar que a formação docente é de grande valia e importância no aprimoramento de conhecimentos voltados à educação sexual para que os professores possibilitem aos educandos o desenvolvimento de uma visão crítica referente a conteúdos que envolvem o tema da sexualidade. Permitindo assim, uma formação sem preconceitos e tabus que, ao invés de direcionar o conhecimento, amplia a visão facilitando uma interação com o meio social.

Além disso, os temas transversais apresentados pelos Parâmetros Curriculares podem ser abordados em qualquer área do conhecimento surgindo em diferentes situações e necessitando da intervenção do professor. É importante lembrar que os temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000) dizem respeito a conteúdos de caráter social que devem ser incluídos no currículo do ensino, de forma “transversal”, ou seja, não como uma área de conhecimento específica, mas como conteúdo a ser ministrado no interior das várias áreas estabelecidas. Neste sentido, Flores afirma que:

A inserção deste conteúdo, nos currículos, inclui a preparação do professor para trabalhar, da maneira mais isenta de preconceito possível, esse tema. Ao colocar-se o professor como agente indispensável na formação do homem, deve-se ter o cuidado de não o responsabilizar, exclusivamente, pelos problemas enfrentados na educação. É indiscutível que, por trás da atuação do professor, existe uma série de fatores que contribui para a qualidade educacional, como a formação do professor, seu estado emocional e as representações que tem a respeito de sexualidade. (FLORES, 2004 p. 5).

Corroborando com a autora, os conteúdos sofrem influências das vivências e das concepções dos professores e é preciso levar em conta a sua formação inicial e continuada, isto é, não tem como o educador dar conta de um conteúdo sem ter se aprofundando e se preparado para ministrá-lo. Neste pensamento Carvalho e Pereira (2003, p.302) afirmam que “Não podemos ignorar as formas pelas quais nossas crianças e adolescentes manifestam a sua sexualidade, e devemos nos preparar para agir de forma ética e coerente” (...).

Porém, percebem-se uma carência e uma dificuldade que muitos professores sentem para abordar o tema sexualidade, talvez por ser um tema ainda pouco debatido nos espaços escolares, e por depender das experiências e vivências que cada pessoa possui. Muitas vezes, estando enraizados preconceitos e concepções que modelam seu jeito de agir e pensar sobre diversos temas. Sendo assim, é de fundamental importância preparar os graduandos em pedagogia, visto que educadores despreparados acabam internalizando conceitos errôneos e reforçando preconceito acerca da sexualidade.

2. CAMINHO METODOLÓGICO

A metodologia é um componente fundamental no trabalho investigativo. É a parte em que é feita uma descrição minuciosa e rigorosa do objeto de estudo e das técnicas utilizadas nas atividades de pesquisa. Assim, o método é o processo para se atingir um determinado fim ou para se chegar ao conhecimento, isto é, um caminho detalhado do que se pretende fazer. De acordo com Minayo (1994), metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e esta sempre deverá estar referidas a elas.

A abordagem metodológica nesta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, sendo assim, interpreta-se concepções e explicam-se conceitos relativos a alguns grupos sociais. Para Minayo (2002), a pesquisa qualitativa trabalha com os vários conceitos, explicações, doutrinas, aspirações, princípios e ações de cada sujeito. Ainda segundo Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2002 p.22).

É também uma pesquisa de campo, pois segundo Gil (2008), procura conhecer uma dada realidade. É basicamente realizada por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas ou questionários com informantes para abordar as explicações e interpretações do que acontece naquela realidade. Conforme Lakatos:

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (LAKATOS, 2003, p. 210)

O instrumento de coleta de dados constitui-se de um questionário. Vale ressaltar que:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.(GIL, 2008, p.140).

O questionário permitirá uma fonte de informações possibilitando a análise de atitudes, valores e opiniões e representações sobre sexualidade construídas pelo sujeito durante sua história de vida, e isso passa a construir os dados representativos de um grupo social determinado.

Logo, foram elaboradas sete questões, as quais poderiam ser ampliadas durante a aplicação. A aplicação do questionário foi feita com treze sujeitos, a escolha dos sujeitos foi feita pelo seguinte critério: graduandos do curso de pedagogia do CFP/UFCG NO PERÍODO 2016.1; Estes sujeitos foram escolhidos por que vivenciaram experiências durante o curso. Assim, perante o critério de escolha, os sujeitos foi feito um sorteio. Os resultados foram apresentados em forma de quadros. Para tanto, busca-se manter o anonimato dos sujeitos, classificando-os por números de 1 a 13, de acordo com a entrega.

Dessa forma, pode-se dizer que a referente pesquisa é uma análise mais detalhada e concreta sobre a forma como está acontecendo um determinado tema em um contexto específico.

É válido salientar que a amostra é composta por 12 mulheres e apenas um homem, uma vez que, o curso de pedagogia tem mais mulheres que homens. A referida pesquisa foi feita em uma turma da manhã, durante uma aula da disciplina TCC cursada no último período de PEDAGOGIA.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

As falas dos graduandos reuniram concepções e situações sobre sexualidade como um tema que faz parte da formação dos indivíduos. Neste sentido, na tentativa de entendermos a concepção dos graduandos objetivou-se através dos conteúdos do questionário, expor e discutir alguns conceitos, presentes neste ambiente social.

Quadro 1 - concepção dos graduandos em relação à sexualidade:

CATEGORIA	DISCURSO
Orientação Sexual	<p>“A sexualidade é algo complexo que vai além do sexo, contemplando orientação sexual, auto-realização, dentre outros.” (Sujeito 2).</p> <p>“É a forma como cada um se sente em relação orientação sexual e ao seu gênero”. (Sujeito 9).</p>
Gênero /corpo	<p>“Sexualidade remete-se ao desenvolvimento físico e corporal do ser humano, assim como suas modificações durante a vida, como na transição da criança para adolescência, assim como desejos, comportamentos, gênero, etc..” (Sujeito 3).</p> <p>“É a relação do corpo, inerente ao sexo biológico e ao gênero”. (Sujeito 4).</p> <p>“Algo presente no desenvolvimento humano, algo presente no seu desenvolvimento, nas suas relações cotidianas, nos homens e mulheres”. (Sujeito 12).</p> <p>“Sexualidade está ligada a personalidade de cada um. São características especiais que são determinadas pelo sexo do próprio indivíduo”. (Sujeito 6).</p> <p>“A sexualidade não se remete somente a questão do sexo (reprodução), mas do gênero e até mesmo ao amor. Pode-se dizer que a sexualidade começa a partir do nascimento do indivíduo”. (Sujeito 01)</p> <p>“É falar do corpo e de suas particularidades”. (Sujeito 11).</p>
Relação entre duas pessoas	<p>“A palavra sexualidade é um termo que corresponde a relação entre duas pessoas.” . (Sujeito 7).</p> <p>“É a relação entre duas pessoas, envolvendo abraço, beijo, carinho.” (Sujeito 5)</p> <p>“Sexualidade é uma relação afetiva entre dois sujeitos.” (Sujeito 10).</p>
Natural	<p>“A sexualidade é algo que faz parte do ser humano, ela está presente na vida de todos. É algo tão natural, mas que as pessoas ainda confundem muito entre sexualidade e sexo.” (Sujeito 13).</p>

FONTE. Dados da pesquisa (2016).

Conforme os conceitos apresentados, existe um maior número de relatos dos graduandos na categoria gênero/corpo. Os sujeitos enfatizaram que a sexualidade faz parte do desenvolvimento do ser humano e as características dos indivíduos são

determinadas pelo sexo, como se todas as mulheres e homens tivessem as mesmas características femininas ou masculinas que são determinadas pelo sexo biológico. Apresentando, assim, uma visão um pouco determinista, uma vez que afirmam: “São características especiais que são determinadas pelo sexo do próprio indivíduo” (Sujeito 6), “É a relação do corpo, inerente ao sexo biológico e ao gênero” (Sujeito 4).

Três dos sujeitos consideraram que a sexualidade é uma relação afetiva, envolvendo beijos, abraços carinho e dois consideram que a sexualidade vai além do sexo contemplando a orientação sexual.

Apenas um sujeito considera a sexualidade como algo natural, neste sentido, segundo Louro (2013), muitas pessoas pensam que a sexualidade é algo natural que todos nós, homens e mulheres temos. Embora um dos sujeitos afirme que a sexualidade está presente desde o nascimento e que existe diferença entre sexualidade e sexo, não deixou claro qual a diferença para ele. Nenhum dos entrevistados apontou a sexualidade como uma construção social, nem enfocaram a diversidade das práticas sexuais presentes em nossa sociedade, tampouco enfocaram a amplitude social e política. Para Louro (2013), a sexualidade envolve o jeito de agir e pensar, além de linguagens, representações e costumes de um povo, procedimentos enraizados e culturalmente diversificados. Em outras palavras a sexualidade é historicamente construída a partir de diversos discursos sobre o sexo e o modo de vida plural e cultural do ser humano. Neste sentido, Carvalho e Pereira ressaltam que:

A sexualidade é um construto social que envolve os mais variados aspectos da vida humana, aspectos sociais, culturais, físicos, biológicos, afetivos, entre outros. Todos/as nós somos seres sexuados desde o nascimento, a nossa sexualidade não acaba ao logo da vida, ela continua fazendo parte das nossas vidas até o momento da nossa morte. (CARVALHO E PEREIRA, 2003, p.299).

Apenas um dos entrevistados fez a associação entre sexualidade e amor e o fez dentro de um conceito que incluía a reprodução, o gênero e até mesmo o amor. “A sexualidade não se remete somente a questão do sexo (reprodução), mas do gênero e até mesmo ao amor” (Sujeito 01). É um aspecto peculiar de nossos entrevistados, pois a associação entre sexualidade e amor está muito presente em nossa sociedade, sobre isso, Heilborn afirma:

A proposta é a de que o sentido e o papel da sexualidade entre nós devem ser compreendidos num universo maior de significação, que há muito tempo se desenrola no interior de nossa cultura. A associação do ato sexual ao amor está presente nas novelas, nos romances na igreja e amplamente difundido no imaginário popular do mundo ocidental. (HEILBORN 1999 p. 23).

Um aspecto que nos chamou atenção foi o fato de nenhum deles ter relacionado à sexualidade a nenhum aspecto ligado aos fatores de risco que envolvam a sexualidade, nem mencionado aspectos que envolvam as diferentes formas de envolvimento entre as pessoas.

Na segunda questão, quando indagamos se o curso de pedagogia abordava o referido tema, dez dos sujeitos responderam que sim, porém de forma fragmentada, apenas nas disciplinas de psicologia. Nenhum dos sujeitos mencionou nem uma vez que o tema era abordado em outras disciplinas. Três dos entrevistados responderam que o curso de pedagogia não abordava o tema. Os que responderam que o tema era abordado enfatizaram que não era como os graduandos gostariam que fosse para que eles conseguissem trabalhar a sexualidade em sala de aula. Como podemos notar na seguinte resposta: “De certa forma, sim. Embora acredite que deveria ser mais abordado, para que nós como educadores possamos aprender a trabalhar este tema em sala de aula.” (Sujeito 7).

Os entrevistados afirmaram que consideram que o curso de pedagogia deveria voltar a ter a disciplina Educação e Sexualidade, uma vez, que os discentes sentem falta de uma disciplina específica para abordar o tema. É o que relata um dos sujeitos. “Sim de forma breve nas disciplinas de psicologia, pois não há uma disciplina específica”. O curso contava com a disciplina em questão no ano 2004 e foi retirada do currículo, a mesma abordava os seguintes conceitos: sexualidade, sexo educação/ orientação sexual. Perspectiva histórica de sexualidade, estereótipos, mitos, credences e tabus sexuais. Anatomia e fisiologia sexual humana. Doenças sexualmente transmissíveis. Sexualidade na infância. Adolescência, idade adulta e na terceira idade. Relações de gênero na educação.

Para Melo (2004, p.75), “(...) educação sexual é também uma questão básica de cidadania”. Neste sentido, reforça-se a questão de resgatar nos sistemas educacionais, bem como, na composição de seus currículos, sobretudo nos de formação de professores espaços legitimados para debater sobre o assunto.

Em seguida, foi perguntado se o curso prepara os futuros docentes para trabalhar a sexualidade em sala de aula. Todos os sujeitos responderam que não. Apesar de (como já foi mencionado) ser abordado em algumas disciplinas, porém de acordo com os graduandos não é o suficiente, pois, a sexualidade é considerada por muitos um tema complexo e pouco debatido, assim, a sexualidade é vista pelos mesmos como um tema difícil de ser trabalhado, uma vez que a maioria dos participantes sente dificuldade de falar e não sabem como agir em determinadas situações envolvendo o tema.

A participação da escola, bem como de outros setores como família e os profissionais de diversas áreas, por meio da informação, chama a atenção também para a necessidade de formação do educador, que pode e deve ser estendida a todas as pessoas, que na escola trabalham e que tenham, ou não, a pretensão de atuar como educadores sexuais. (FIGUEIRÓ, 2010, p.156)

O autor fala em formação não só para o educador como também para todos que trabalham na escola, mas se abordar e debater o tema da sexualidade está difícil para os graduandos do curso de pedagogia, que dirá para outros profissionais da educação já fora do âmbito acadêmico. A formação inicial nos proporciona diversos saberes, todavia os sujeitos sentem falta de uma abordagem maior nessa área.

Entretanto, sabemos que o curso não dá conta de abordar todos os temas, e que sempre existirão falhas na formação, afinal somos humanos e não somos perfeitos. Mas, a escolha do currículo também é uma questão política e social. Que fatores influenciaram a retirada da disciplina Educação e Sexualidade, no curso de pedagogia?

Dando continuidade, na quarta questão indagou-se a respeito da importância de se trabalhar o tema sexualidade nas escolas. Nesta questão, a intenção foi de averiguar a importância do trabalho com a sexualidade nas escolas na visão dos graduandos que estão no final do curso de Pedagogia. Assim, Nunes (2001 apud FLORES, 2004 p.32) coloca “a educação sexual como um fenômeno da sociedade, não destinando, portanto essa tarefa, como a principal ação da escola, ressaltando, porém que encontra nela um reforço institucional de suas bases sociais”.

Sendo assim, o intuito dessa questão não é jogar a responsabilidade da educação sexual apenas na escola, sabemos que os educandos também aprendem

em outros espaços formais e não formais, mas sem dúvidas a escola é o melhor lugar para suprir a carência e a falta de conhecimento que os discentes têm em relação ao tema, para fazer com que seus educandos reflitam e ressignifiquem seus conceitos.

Quadro 2 – importância de se trabalhar o tema sexualidade nas escolas

CATEGORIA	DISCURSO
Trabalhar o preconceito	“Para que as crianças tenham a concepção de que existem diversos tipos de relação entre pessoas”. (Sujeito 7).
Orientar os alunos	<p>“Para orientar os alunos sobre o assunto”.</p> <p>“É importante, pois a sexualidade está presente desde o nascimento, e por isso devemos entender sua complexidade.” (Sujeito 2).</p> <p>“Para as crianças conhecerem seu próprio corpo.” (Sujeito 3).</p> <p>“Porque assim as crianças aprendem o que é sexualidade de uma forma adequada e entendem que sexualidade é algo normal que faz parte da vida das pessoas.” (Sujeito 13)</p> <p>“A educação sexual é para todos que trabalham na educação de pessoas, sendo uma função importante, promover o conhecimento sobre sexualidade, fortalece o aluno e fornecer meios para ele melhorar escolhas, uma condição melhor perante as decisões a serem tomadas por eles, levando a decisões assertivas. Além de melhorar o seu desempenho escolar, diminuir sua vulnerabilidade, aumentar a autoestima e prevenir fatores de riscos através da aprendizagem”. (Sujeito 12).</p> <p>“A sexualidade deve ser trabalhada nas escolas como uma disciplina que venha nortear e orientar os alunos a respeito do que se trata a sexualidade, como viver a sua sexualidade de maneira responsável, como viver a sua orientação sexual de maneira natural.” (Sujeito 1).</p> <p>“É importante trabalhar esse tema para, enquanto docentes, sairmos preparados para lidar com situações relacionados à sexualidade, com nossos alunos, sabendo o que fazer para ajudá-los com possíveis dúvidas sobre o assunto, que eles tragam para a sala de aula.” (Sujeito 6).</p>
Quebrar os tabus	<p>“Para tornar mais clara a concepção que normalmente se tem sobre o tema e quebrar “tabus”, preconceito e assim proporcionar uma melhor formação dos sujeitos.” (Sujeito 9).</p> <p>“Porque em casa esse tema é um tabu, então cabe ao professor trabalhar esses conteúdos em sala de aula.” (Sujeito 10).</p> <p>“Porque é um tema que na nossa sociedade ainda é um tabu a ser quebrado.” (Sujeito 4).</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Diante das respostas dos sujeitos, fica explícito a importância que o tema tem para cada um, pois todos consideram de relevância ímpar abordar a sexualidade nas escolas. Quase todos os sujeitos consideram o tema importante para orientar os

alunos sobre conceitos e de como viver sua sexualidade de forma responsável. Dessa forma, como educadores, precisamos ter essa visão de orientar e informar, pois sabemos que nossas crianças e adolescentes vivem no mundo em que as informações chegam mais rápido e muitas vezes de maneira negativa. Um dos sujeitos ressalta a relevância de abordar os preconceitos para que as crianças cresçam sabendo da diversidade de relações existente em nosso mundo. Debater sobre o preconceito é preciso nas escolas, uma vez que vivemos em meios a tantas informações determinada pela nossa sociedade que os alunos acabam enraizando ideias preconceituosas. Nessa ótica, os professores precisam compreender a:

[...] educação sexual como um caminho para preparar o educando para viver a sexualidade de forma positiva, saudável e feliz e, sobretudo, para formá-lo como cidadão consciente, crítico e engajado nas transformações de todas as questões sociais, ligadas direta ou indiretamente à sexualidade. (FIGUEIRÓ 2004, p.119).

A escola é sem dúvida um lugar de construção de conhecimentos entre professor e aluno, e é no espaço escolar que o educando busca significações para suas curiosidades, já que o tema sexualidade é pouco debatido nas famílias e nos outros espaços, há muitas informações sem significações. Contudo, fica difícil falar de um tema sem preparação. Vale destacar que os PCNs (BRASIL, 1997) afirmam que a sexualidade no espaço escolar está presente nas atitudes dos educandos e em suas interações sociais. Dessa forma, é perceptível que a sexualidade faz-se presente dentro e fora da escola e é impossível dissociá-la do ambiente escolar, cabendo à instituição e aos professores desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa. Nesta respectiva, Carvalho e Pereira enfatizam:

A escola é um espaço privilegiado para o trabalho de orientação sexual, já que esta é uma intervenção pedagógica. Além disso, na escola, os vínculos entre professores/as e alunos/as são bastante significativos, podendo ser trabalhados os conteúdos de relevância para a sexualidade e as informações a respeito desta sem aquela pressão que é manifestada por pais e mães. (CARVALHO E PEREIRA, 2003, p.303).

Na quinta questão indagamos como os graduandos se sentem em falar sobre sexualidade. Com a finalidade de identificar conceitos que os sujeitos têm sobre o referido tema.

Quadro 3 – Como os discentes se sentem ao falar sobre o tema sexualidade

CATEGORIA	DISCURSO
Tímida	<p>“Tímida, fechada. É incrível que em pleno século XXI de certa forma ainda exista essa dificuldade, esse comportamento constrangedor.” (Sujeito 5)</p> <p>“Tímida, pois é um assunto que ainda hoje é desvalorizado na sociedade.” (Sujeito 7).</p> <p>“Fico um pouco tímida.” (Sujeito 11).</p> <p>“Tímida, pois se trata de um tema que ainda é muito censurado pela sociedade, e principalmente, pelos pais em relação a seus filhos.” (Sujeito 12).</p>
Normal	<p>“Normal, mas se for para falar com crianças, fico um pouco constrangida.” (Sujeito 4).</p> <p>“Sinto-me “super” bem, é um assunto igual a qualquer outro.” (Sujeito 13).</p> <p>“Dependendo da pessoa, falo o pouco que sei de maneira natural. Haja vista que é uma temática pouco debatida, e que somos privados por nossos pais, escola e pela sociedade, em abordar sobre tal tema.” (Sujeito 1).</p>
Não se sente preparada	<p>“Acredito não estar preparada para tratar desse tema, principalmente quando se trata de conversá-lo com crianças.” (Sujeito 6).</p> <p>“Ainda não me sinto preparada, tendo em vista que é algo complexo e devemos entender e nos preparar para trabalhar de forma adequada.” (Sujeito 2).</p> <p>“Para falar a verdade, não me sinto preparada para abordar essa temática em sala de aula, porque vivemos em uma sociedade muito preconceituosa e isso nos deixa um pouco insegura de falar sobre sexualidade.” (Sujeito 10).</p> <p>“Pouco esclarecida.” (Sujeito 9).</p> <p>“Insegura, por não me sentir preparada para discutir sobre o assunto.” (Sujeito 8).</p>
É um tabu	<p>“Ainda é um tabu, que foi amenizado, mas não abolido por completo. Pois acho que devemos ter cautela de falar sobre o tema, então depende do público que eu esteja falando, se for com professores ou psicólogos falo abertamente, sem receio, mas quando se trata de falar com alunos e inevitavelmente com seus pais, já complica, porque eles são avessos a esse assunto.” (Sujeito 3).</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Embora a sexualidade seja um tema que vem ganhando um espaço maior nas discussões, muitos graduandos não se sentem prontos para falar, outros ficam tímidos e considera o tema um tabu, por isso os sujeitos enfatizam que possuem dificuldade de dialogar sobre o tema. Um dos sujeitos salienta que não tem coragem de falar sobre sexualidade com todos os públicos. Não são somente os graduandos que se sentem tímidos e encontram obstáculos para falar sobre esta questão, a

sexualidade é um dos assuntos que mais tem trazido dificuldades, impasses e desafios aos educadores em sala de aula.

Apesar de a sexualidade ser um componente universal da existência humana e sua manifestação ser importante para o seu equilíbrio biopsicossocial, ainda há dificuldade para dela falar ou com ela lidar. Será pelo receio de que, ao assim fazer, também seriam desvelados os nossos valores, comportamentos, interesses e frustrações sexuais? Independente de ser esta a explicação, a sexualidade humana ainda é mantida sob o controle de mitos, tabus e repressões sociais. (FIGUEIRÓ, 2004, P.40).

Corroborando com a autora, a sexualidade ainda é mantida sustentada sob o controle de mitos, tabus e preconceitos. Os participantes da pesquisa enfatizam a insegurança que sentem diante da discussão, alguns relatam que só conseguem falar abertamente com professores ou psicólogos e se for para falar com crianças ou outras pessoas eles se sentem inseguros para conversar. A seguir, observa-se a resposta do sujeito 3:

Ainda é um tabu, que foi amenizado, mas não abolido por completo. Pois acho que devemos ter cautela de falar sobre o tema, então depende do público que eu esteja falando, se for com professores ou psicólogos falo abertamente, sem receio, mas quando se trata de falar com alunos e inevitavelmente com seus pais, já complica, porque eles são avessos a esse assunto.

As respostas dos sujeitos mostram como a sexualidade é um conteúdo desconhecido e associado algo vergonhoso, eivado de preconceitos e receios, o que leva os sujeitos a afirmar que falar sobre esse conteúdo é uma tarefa difícil. Nesse sentido:

Falar de sexualidade não é tarefa fácil, pois é falar de si, o que, muitas vezes, encontra-se arraigado em preconceitos, em falsas ideias e pensamentos sem fundo científico, e isso pode determinar constrangimentos e dúvidas. Há necessidade de repensar essas concepções, valores e preconceitos que impedem o desenvolvimento do aluno. (FLORES, 2004, P.50)

Em seguida, na sexta pergunta, foi indagado a cerca das palavras que surgem na mente dos sujeitos, relacionada a sexualidade.

Quadro 4: Palavras que surgem na mente dos sujeitos relacionada à sexualidade.

CATEGORIA	PALAVRAS ASSOCIADAS
Amor	Companheirismo 5, carinho 8, beijo 2, abraço 2, pessoas 2, filho 2, respeito 2, dedicação 3, felicidade 3, afeto 2, relação 2,
Heterossexual	Homem 7, mulher 7, sociedade 2, família 2, sexo oposto 4 orientação 2, gênero 2, padrão 3, atração 2,
Prazer	Satisfação 8, sexo 4, realização 4 felicidade 4, vontade 2, amor 5,
Homossexual	Preconceito 5, Gay 4, lésbica 2, normal 2, atração pelo mesmo sexo 2.
Corpo	Beleza 4, atração 3, tronco 2, diferente 2, padrão 4, bonito 3, prazer 2.
Gênero	Homem 3, mulher 3, masculino 8, feminino 8.
Masculino	Azul 4, homem 8, camisa 2, menino 2, machismo 2.
Feminino	Mulher 9, rosa 4, vestido 2.
Orgasmo	Sexo 4, satisfação 6, prazer 9, felicidade 2, realização 2, amor 2.
Sexo	Relação 5, amor 4, prazer 4, desejo 2.

Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Analisando o quadro acima, percebe-se que estes sujeitos não fazem a associação, no questionário, entre sexualidade e reprodução, duas pessoas ainda relacionaram o amor a seus filhos, mas as demais não fizeram nenhum tipo de associação entre nenhum aspecto da sexualidade com a possibilidade de procriar, o que nos faz pensar que estas palavras não estão fortemente vinculadas na fala apresentado por estas pessoas.

O corpo foi fortemente vinculado aos padrões de beleza impostos por nossa sociedade e a associação entre masculino/azul e feminino/ rosa é outro aspecto fortemente internalizado na sociedade e que apareceu no discurso de nossos entrevistados em uma proporção considerável. Nesse aspecto, Heilborn coloca a seguinte afirmação:

[...] “o nosso corpo não é uma entidade natural: ele é uma dimensão produzida pelos imperativos da cultura. Nossa sensação física passa obrigatoriamente pelos significados e elaboração culturais que um determinado meio ambiente social nós dá.”. (HEILBORN 2002, P.11)

Embora os sujeitos não tenham conceituado sexualidade mencionando estas palavras citados no quadro acima na primeira pergunta que foi feita a eles, quando entregamos um texto seletivo para que eles falassem palavras que vem à sua mente os sujeitos escreveram todos estes aspectos que estão no quadro.

Quadro 5 - Duas palavras mais importantes da questão anterior, conforme os sujeitos.

CATEGORIA	DISCURSO
<p>Amor (12 PESSOAS)</p>	<p>“É um sentimento belíssimo, que a humanidade está perdendo aos poucos. As pessoas falam demais a sentem de menos. Sendo um sentimento divino que ultrapassa qualquer definição”. (Sujeito 3).</p> <p>“É algo que está presente em todas as relações, desde a amizade até a relação entre companheirismo, deve então estar presente em todos os ambientes para que haja uma boa relação.” (Sujeito 1).</p> <p>“Precisa existir nas relações entre casais, mesmo que o amor busque o prazer nas relações a dois, é necessário que este prevaleça. Isto porque, as relações tornam-se contrato, ou seja, compromisso de ninguém.”(Sujeito 6).</p> <p>“Entre duas pessoas, é algo essencial para a construção do sujeito, na questão de segurança de sentir-se bem, com o outro e para o outro.” (Sujeito 2).</p> <p>“Sentimento grandioso que está presente reciprocamente entre as pessoas que fazem parte da nossa vida” (Sujeito 10).</p> <p>“Amor e Sexo, dois fatores que não são debatidos em sala de aula implicando no ensino, uma vez que desconhecem sentimentos e pouco conhecimento possuem sobre a sexualidade acarretando em decisões mal sucedidas, podendo atrapalhar seu desenvolvimento diretamente como, por exemplo, um caso de gravidez indesejada na adolescência ou doenças sexualmente transmitidas.” (Sujeito 12).</p>
<p>Corpo (4 PESSOAS)</p>	<p>“Precisamos ter muito cuidado, principalmente de quando estamos vivendo a sexualidade, tanto faz com casos de heterossexual quanto homossexual, devido à maneira de viver o sexo com segurança, prevenindo-se sempre das DSTS”. (Sujeito 6).</p> <p>“É algo que deve ser trabalhado desde a infância, desmistificando padrões já estabelecidos pela sociedade, bem como, incentivar a um próprio conhecimento para que não aconteça um aprisionamento.” (Sujeito 1).</p> <p>“Na sociedade atual é uma atração e uma certa padronização, ou seja, a busca pelo corpo perfeito”. (Sujeito 13).</p> <p>“Porque é necessário conhecer seu corpo para se entender.” (Sujeito 4).</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2016)

O amor foi a palavra escolhida por quase todos os sujeitos e eles consideram o mesmo como um sentimento mais importante entre as pessoas, os sujeitos enfatizam o amor como algo fundamental nas relações, mesmos quando eles buscam o prazer, têm que existir o amor. Nesta perspectiva, Loyola ressalta que:

Finalmente, cabe chamar atenção para um outro aspecto importante para o estudo da sexualidade atualmente, que é sua relação com os sentimentos, mais especificamente com os sentimentos associados às ideias de amor e paixão, igualmente ligados ao sexo e à reprodução. (LOYOLA, 1998, p. 43).

Os sujeitos foram quase unânimes em suas respostas ao citarem, entre as palavras mais importantes, a palavra amor. Um fato importante é que nossa amostra foi composta apenas por um homem, o que demonstra que as mulheres, em seus discursos são fortemente influenciadas pela visão romântica da sexualidade. Estes dados contradizem os dados apresentados no conceito de sexualidade exposto no início da análise quando somente um sujeito citou o amor.

Outra questão diz respeito à valorização exacerbada do corpo em nossa atualidade. O culto ao corpo foi apontado como um dos aspectos que devem ser trabalhados nas escolas, e que faz crítica aos padrões de beleza impostos por nossa sociedade. É importante salientar que apenas dois sujeitos, na última questão da pesquisa, citam as doenças sexualmente transmissíveis. Não podemos afirmar que eles não tenham conhecimento sobre o assunto, no entanto é sintomático que o tema não apareça nos seus discursos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

É relevante que as instituições de educação informem-se e debatam sobre a educação sexual abordando a sexualidade dentro de um enfoque sociocultural ampliando a visão de mundo do estudante, para assim, ajudar o discente a refletir sobre esta temática. Sob essa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997) salienta a finalidade das instituições educacionais que é informar e discutir sobre os tabus e preconceitos existentes em nossa sociedade a partir de uma reflexão crítica, voltada para uma educação sexual pensada coletivamente.

Diante desse estudo, fica explícito o quanto o tema sexualidade ainda é visto como um tabu. Embora a sexualidade seja enfatizada na realidade pesquisada e esteja presente nos espaços de educação e em nossas relações, o tema ainda é pouco abordado e não atende as curiosidades dos educandos. Foi por meio dessas análises realizadas que constatamos que as concepções sobre sexualidade dos sujeitos pesquisados não apontaram a sexualidade como uma construção social, nem a diversidade das práticas sexuais presentes em nossa sociedade enfocando apenas alguns aspectos da sexualidade. Sendo que apenas dois sujeitos mencionaram as doenças sexualmente transmitidas, desta forma, sugerimos que outra pesquisa seja desenvolvida, buscando analisar o nível de conhecimento dos alunos de pedagogia sobre as doenças sexualmente transmissíveis. Isto é, quase todos os sujeitos não tiveram uma visão da sexualidade como algo construído socialmente.

Assim, faz-se necessário repensar o quanto a formação é de grande relevância na atuação de um profissional. Com base nessa pesquisa percebeu-se que os graduandos tiveram dificuldade para falar sobre o tema em questão. Desse modo, deve-se discutir sobre novos caminhos que supram a carência de informações que os sujeitos tiveram sobre a sexualidade.

Nesta perspectiva, acredita-se que a falta de uma disciplina específica precisa ser repensada, já que a instituição pesquisada tinha uma disciplina Educação e sexualidade e esta foi retirada da grade curricular em 2004. Os graduandos sentem falta de uma maior discussão do tema afinal alguns afirmam que se sentem tímidos ao falarem sobre esse assunto e que os mesmos possuem pouco conhecimento sobre a sexualidade.

Desse modo, os graduandos necessitam de mais discussões acerca da sexualidade, tanto na formação inicial como na formação continuada. Vale repetir, o que já foi ressaltado no projeto, não se pretende jogar a responsabilidade apenas em uma formação inicial, sabemos que o curso não comporta por si só a formação dos graduandos. Cada aluno também é responsável pela sua formação inicial e continuada.

Os alunos pesquisados ainda não possuem uma visão ampla sobre sexualidade, o que nos faz pensar que o curso não proporciona um debate sobre as inúmeras reflexões que o tema pede. Portanto, é de fundamental importância que as instituições de educação debatam sobre a educação sexual, para que assim possamos ampliar a visão de mundo do estudante. Para assim ajudar o discente a aprofundar seus conhecimentos refletindo e ressignificando seus conceitos. Nesse sentido, acredita-se que este trabalho apresentou relevância não só para a pesquisadora, mas também para a realidade pesquisada que pode verificar os resultados e tomá-los como base para refletir suas ações na sala de aula.

5. REFERÊNCIAS

BALESTRIN, Patrícia Abel; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. **Gênero e sexualidade nas práticas educativas**. Revista Retratos da Escola. Brasília, v. 9, n. 16, p. 47-61, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.esforce.org.br>

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, Orientação Sexual**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto Ciclos: apresentação dos temas transversais – Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf> Acesso em 07/03/2016**

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Currículos Nacionais (Ensino Médio)**. Linguagens, códigos parte II, 2000, p.71.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa; PEREIRA, Maria Zuleide da Costa. **Gênero e educação: múltiplas faces – Joao Pessoa: Ed, Universidade/ UFBP, 2003.**

FIGUEIRÓ, M.N. D. O professor como educador sexual: Interligando formação e atuação profissional. In: PAULO RENNES MARÇAL RIBEIRO. **Sexualidade e educação: Aproximações necessárias**. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio – Londrina: Ed. 3. rev.e. Atual Eduel, 2010.**

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. V.1: a vontade de saber, 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FLORES, Aida Mair Prado. **Sexualidade: Representações de Professores do Ensino Médio**. 2004. 115 f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Rio Grande do Sul. Disponível em: <file:///C:/Users/PC/Downloads/AIDA%20FLORES.pdf>, acesso: 24 de fevereiro de 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HEILBORN, Maria Luiza e BRANDÃO, Elaine Reis. “Introdução: Ciências Sociais e Sexualidade”, In: HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**, IMS/ UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p.7-17.

HEILBORN, Maria Luiza. “**Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade**”. Cadernos Cepia nº 5, Gráfica JB, Rio de Janeiro, Dezembro de 2002, p. 73-92. (apoio fundação Ford e UNIFEM).

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEÓN, Adriano Azevedo Gomes De. Tem viado no gramado. IN: Charliton José dos Santos Machado, Maria Lucia da Silva Nunes, Idalina Maria Freitas Lima Santiago (Org.). **Olhares: Gênero, sexualidade e cultura** / João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

LOIOLA, Luiz Palhano. Sexualidade, Gênero e Diversidade sexual. In: **Desatando nós: fundamentos para a práxis educativa sobre gênero e diversidade sexual.** / Adriano Henrique Caetano costa, Alexandre Martins Joca, Luís Palhano Loiola (Org.) – Fortaleza: Edições UFC, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. A emergência do gênero. In: LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista/ Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. WEEKS, Jeffrey, et al. **O corpo educado: Psicologia da Sexualidade.** Guacira Lopes Louro (Org.). Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Belo Horizonte. Autentica, 2013.

LOYOLA, Maria Andréia. Sexo e sexualidade na Antropologia. In – **A sexualidade nas Ciências Humanas.** Maria Andréia Loyola (org). Rio de Janeiro: EdURJ, 1998. (coleção saúde & sociedade). 308 p.

MACHADO, Charliton José dos Santos. IN: Charliton José dos Santos Machado, Maria Lucia da Silva Nunes, Idalina Maria Freitas Lima Santiago (Org.). **Olhares: Gênero, sexualidade e cultura** / João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

MELO, S. M. M. **O invólucro perfeito:** paradigmas de corporeidade e formação de educadores. In: PAULO RENNES MARÇAL RIBEIRO. Sexualidade e educação: Aproximações necessárias. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

MINAYO, Maria Cecilia de Sousa. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** Petrópolis, Vozes, 2002.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a Sexualidade.** 5. ed. Campinas: Papirus, 1987.

RODRIGUEZ, Nélide Gloria Maneiro. **Sexualidade:** uma discussão com pais, alunos e professores da 7ª série da escola Albert Einstein de Jaciara sobre o tema Transversal Sexualidade. Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da Eduvale, Mato Grosso, nº 5, Outubro de 2010.

SCHINDHELM, Virginia Georg. **INFANTIL A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO**. Revista Aleph Infâncias. ISSN 1807-6211 / Ano V, N°. 16. Novembro, 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/revistaleph/pdf/art9.pdf>

SPITZNER, Regina Henriqueta Lago. **Sexualidade e Adolescência**: Reflexões acerca da Educação Sexual na escola. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.

STEARNS, Peter N. **História da sexualidade**; tradução Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Ricardo Desiderio da; BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria Teresa; SANTIN FILHO, Ourides. **Atitudes e crenças de professores sobre sexualidade**: resultados preliminares. Área Temática: Currículo e Saberes. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/517_715.pdf
Acesso em 07/03/2016

APÊNDICE



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



Orientando (a): **MARIA ALZIRA PARNAÍBA**
Orientador (a): Ane Cristine Hermínio Cunha
Pedagogia – 2015.2
Tema: Sexualidade Infantil

QUESTIONÁRIO PARA GRADUANDOS CONCLUINTES DO CURSO DE PEDAGOGIA

1. Para você o que é sexualidade?

2. O curso de pedagogia aborda o tema sexualidade?

3. O curso de pedagogia prepara você para abordar a sexualidade em sala de aula?

4. Em sua opinião por que é importante trabalhar o tema sexualidade nas escolas?
